

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1876 na cidade de Aquidauana, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1923, aos 47 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1898, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de oratória que possuía. Foi deputado provincial do Ceará (1892/1899), deputado federal pelo Ceará (1900/1912), e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período em que viveu no Rio de Janeiro, trabalhou como bibliotecário na biblioteca do estado (atual) e também se dedicou ao magistério em cursos de Direito, Letras e do Ginásio Artístico. Em Recife, em 1912, foi eleito presidente da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da capital cearense, como a *Bohème* e as seguintes revistas: *Os Lusitânicos* (1913), *Os Lusitânicos* (1914) e *Os Lusitânicos* (1915).

ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1896 a 1900. Teve ainda parte de seu trabalho publicado em *Revista de Letras*, periódico publicado em Recife. Após ingressar na carreira pública, trabalhou em várias funções, quando foi eleito presidente do conselho. Durante o período em que foi deputado estadual, com a ajuda de Leonardo Melo, organizou o Conselho de Instrução e o Conselho Acadêmico, ocasião em que se reuniu a Academia Cearense de Letras.

A REDENÇÃO DO ACAMAPÉ

LEONARDO MELO
1914

Vence a Fúria e o Desejo,
Que se iluminam de luz,
Das cinzas do Proconceito
Recupera novos bens,
Tirando a fim a unidade,
Magnando a Legalidade,
Que tem a sombra e não tem luz,
Que um povo que se redime,
É um exemplo sublime,
Que a Féria é Glória condida.

Os céus se vestem de espumas,
A terra de luz e flores,
O sol se adorna das pássaros.

ADERBAL SALES

Aderbal de Paula Sales nasceu na cidade de Uruburetama, Ceará, em 3 de maio de 1903 e faleceu em Fortaleza no dia 21 de outubro de 1986, aos 83 anos de idade. Graduado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1927, foi médico do Departamento de Saúde Pública, do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Marítimos, do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Comerciários e da Assistência Municipal de Fortaleza. Na carreira pública, foi deputado estadual, secretário de Educação e Saúde do estado do Ceará e de Saúde e Assistência do município de Fortaleza. Exerceu o magistério como professor de Ciências Físicas e Naturais do Liceu do Ceará e catedrático de História Natural da Escola Normal. Presidente do Centro Médico Cearense.

Foi prosador, poeta, conferencista e autor de grande número de trabalhos científicos publicados em revistas da especialidade. Obras: *Intenções*, 1930; *Orientação e bases da Medicina Psicossomática*; *Aspectos psicossomáticos das doenças da civilização*, 1931; *Tuberculose. Terreno, hereditariedade e contágio* (tese), 1933; *Pedras e metais preciosos* (tese), 1933; *O Brasil e a democracia. Subsídio para a sua história*, 1938; *Gilberto Freyre e alguns aspectos da Antropossociologia do Brasil*, 1945; *O Coração na clínica de ambulatório*, 1951; e *O homem e a paisagem*, 1975.

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 15 de agosto de 1974. Ocupou a cadeira 8 na vaga do acadêmico Fernandes Távora, ocasião em que foi saudado pelo poeta Francisco Alves de Andrade.

A ÚLTIMA NOITE DE NATAL

1980

*NATAL!!! sem festa e sem flores,
Triste NATAL sem alegria,
Para os que ficaram sozinhos,
Sem amor e sem carinho,
A sentir e relembrar nesta noite,
Sem sonhos e sem esperança,
Uma saudade que perdura,
Para fazer sofrer,
No vazio do não ser,
Uma dor que dói muito mais,
Do que a própria dor.*

*A pequena ÁRVORE DE NATAL, outrora iluminada,
Era um micro céu de estrelas coloridas,*

*Cintilando em múltiplos reflexos irisados,
Sob a luz das lâmpadas acesas,
Ilusão de tantos anos e tantos sonhos,
Não desperta mais a curiosidade dos que a cercavam,
Esquecida e abandonada sobre a mesa,
Ressequida pelo tempo,
Sem flores, sem folhas e sem galhos,
Parece mais um espectro imóvel, silencioso,
A recordar um NATAL que já não existe,
De um DEUS que morreu.*

*Na quietude da sala semi-escura e deserta,
A cortina espessa das sombras,
Silenciosamente, tudo envolve num abraço sombrio,
Como a lápide de um túmulo invisível.
Nesta noite de saudade, sem alma e sem fé,
Não se ouve o murmúrio de uma prece,
Nem a alegria de um sorriso feliz,
Talvez porque não fosse a noite,
De um DEUS que nascia,
Mas, a noite de um DEUS que morria.*

*Os sinos repicam, ao longe,
Num soluço de som, nas IGREJAS distantes,
Chamando para a MISSA DE NATAL,
Um NATAL sem amanhã que não é para mim.*

*A solidão sem ruído, sob o palor na penumbra fluida,
Torna mais triste e profundo
O silêncio da Casa deserta, sem vida
Nesta "Última noite de Natal".*

FONTE: SALES, ADERBAL, A ÚLTIMA NOITE DE NATAL, REV. DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS,
FORTALEZA, V. 85, N. 41, P. 229-230, 1980.